

# Movimentos sociais e mídia de espalhamento: democratização da comunicação em contexto de convergência



*Maria Clara Aquino Bittencourt*

*Doutora em Comunicação e Informação pela UFRGS  
E-mail: aquino.mariaclara@gmail.com*

**Resumo:** Refletindo sobre convergência e espalhamento de conteúdos que circulam por um espaço de fluxos que perpassa as mídias de massa e as mídias sociais, propõe-se debate pautado pelo tensionamento sobre o uso das mídias sociais não apenas por movimentos sociais e cidadãos, mas também pela mídia de massa. Observa-se como processos de produção, circulação e consumo de conteúdos se alteram em função de práticas colaborativas em coexistência com práticas da mídia de massa, na condução das bases de um modelo híbrido de circulação.

**Palavras-chave:** Espalhamento, convergência, movimentos sociais.

*Movimientos sociales y medios de dispersión: prácticas de colaboración para democratización de la comunicación en contexto de convergencia*

**Resumen:** Al reflexionar sobre convergencia y dispersión de contenidos en un espacio de flujos que atraviesa medios oficiales y redes sociales, se propone un debate guiado por el uso de las redes por movimientos y ciudadanos, y también por estos medios. Se observa cómo producción, circulación y consumo cambian debido a prácticas de colaboración en convivencia prácticas de medios distributivos en el desarrollo de un modelo híbrido de circulación.

**Palabras claves:** Dispersión, convergencia, movimientos sociales.

*Social movements and spreadable media: collaborative practices for democratization of communication in convergence context*

**Abstract:** Reflecting on convergence and spread of contents in a space of flows running through the mass and social media, it is proposed a debate guided by tension over the use of social media not only by movements and citizens, but also by mass media. It is observed how production, circulation and consumption of content processes are altered by collaborative practices in coexistence with practices of mass media, conducting to the bases of a hybrid model of circulation.

**Keywords:** Spread, convergence, social movements.

## Sobre espalhamento e convergência

Em 10 de julho de 2013, um dia antes da paralisação nacional programada para 11 de julho, a Câmara de Vereadores de Porto Alegre foi ocupada por manifestantes do Bloco de Luta pelo Transporte Público,<sup>1</sup> assim permanecendo até 18 de julho. Uma das primeiras medidas da ocupação foi a proibição da presença de jornalistas da mídia corporativa dentro da Câmara. Apenas veículos independentes obtiveram a permissão dos ocupantes para realizar a cobertura de dentro do plenário.

O Bloco de Luta pelo Transporte 100% Público decidiu, em assembleia, restringir o acesso da mídia corporativa às nossas atividades durante a ocupação na Câmara. Por experiência própria e pela história dos movimentos sociais, sabemos que esses meios não os retratam de forma justa. [...] Em nossa opinião, isso se deve ao fato de que a mídia no país não é democratizada e nem regulada, sendo dominada por meia

<sup>1</sup> O Bloco de Luta pelo Transporte Público é “composto por diversas organizações unidas pela luta contra o aumento da passagem e por um transporte coletivo público e popular de qualidade em Porto Alegre”. Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/blocodelutapoa/>>. Acesso em: 17 jul. 2013.

dúzia de famílias. O caso específico da RB\$ é paradigmático, pois esse jornal nasceu e cresceu durante a ditadura militar. A grande mídia atua, portanto, como uma extensão do poder de classe dos ricos, fomentando um imaginário de que os movimentos sociais são criminosos.<sup>2</sup>

No entanto, a relação dos manifestantes com a mídia corporativa, em Porto Alegre, não foi abalada apenas por essa ação restri-

*Diferente de manifestações que o país já vivenciou, desta vez o barulho não se limitou à tomada das ruas, mas partiu das redes sociais*



tiva. A insatisfação com a cobertura sobre os protestos realizada pelo jornal *Zero Hora*, do Grupo RBS – afiliada da Rede Globo – já vinha sendo aclamada pelas ruas quando, em alguns dos atos, os manifestantes se dirigiram para frente do prédio do jornal. Diante dessas manifestações, jornalistas do *Zero Hora* publicaram um manifesto sobre as ameaças ocorridas durante os dias 17 e 20 de junho.<sup>3</sup>

O mês de junho levou para os gabinetes não só do governo municipal de Porto Alegre, mas de outros prefeitos, governadores e até da presidência da República, uma série de questionamentos sobre as demandas do povo, que se espalharam pelo Brasil em cartazes que ilustravam o esgotamento da pa-

ciência dos brasileiros com os problemas do país. Porém, diferente de manifestações que o país já vivenciou, desta vez o barulho não se limitou à tomada das ruas, mas partiu das redes sociais. E foi ganhando força através não só de mobilizações presenciais, mas, e talvez principalmente, via sites como Twitter e Facebook, e grupos de comunicação online independentes, chamados aqui de *coletivos midiáticos*. A tensão das ruas também se estabeleceu sobre as relações comunicacionais, em um panorama midiático onde os meios e os veículos de massa perderam o protagonismo e agora disputam a atenção das audiências com mídias sociais e coletivos midiáticos. Estes coletivos não se limitam a cobrir os acontecimentos sobre os protestos em diferentes cidades, mas também atuam de forma crítica, questionando a mídia de massa e lutando pela democratização da comunicação. Nesses espaços, a colaboração serve de base para a produção de conteúdo e a diversidade de formatos aponta para um processo de convergência, através do qual percebe-se transformações significativas sobre a circulação midiática no âmbito dos movimentos.

Dito isso, à necessidade de reflexão sobre as reconfigurações políticas decorrentes de um levante de mobilizações junta-se a demanda pela reflexão sobre transformações de níveis técnico, social e cultural que se esvaem por práticas baseadas nas apropriações de tecnologias para a comunicação entre e sobre os movimentos. A partir de uma reflexão sobre questões referentes à convergência (Aquino Bittencourt, 2012) e ao espalhamento (Jenkins; Green; Ford, 2013) de conteúdos que circulam por um espaço de fluxos que perpassa as mídias de massa e as mídias sociais, propõe-se um debate pautado pelo tensionamento sobre o uso das mídias sociais não apenas por movimentos, coletivos midiáticos e cidadãos, mas também pela mídia de massa. Diante das apropriações da última década, observa-se como os processos de produção, circulação e consumo de conteúdos se alteram em função de práticas

<sup>2</sup> Da fanpage do Bloco de Luta pelo Transporte Público. Disponível em: <[https://www.facebook.com/permalink.php?story\\_fbid=560882697307648&id=488875294508389](https://www.facebook.com/permalink.php?story_fbid=560882697307648&id=488875294508389)>. Acesso em: 17 jul. 2013.

<sup>3</sup> Disponível em: <<http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/geral/noticia/2013/06/jornalistas-de-zero-hora-divulgam-manifesto-sobre-ameacas-ao-jornal-4179488.html>>. Acesso em: 17 jul. 2013.

colaborativas em coexistência com práticas da mídia de massa, na condução das bases de um modelo híbrido de circulação.

### **O abraço às mídias sociais: usos e apropriações por atores diversos**

No início dos anos 2000, o uso dos celulares para registrar desastres já mostrava o poder da tecnologia nas dinâmicas sociais, como, por exemplo, o furacão Katrina nos Estados Unidos, em 2005, e as explosões no metrô de Madrid, em 2004 – quando os celulares foram usados para comunicar sobre o que acontecia no local dos fatos, e também quando o conteúdo audiovisual gerado a partir desses aparelhos foi retransmitido em canais de televisão. Não havia de demorar para que os celulares fossem usados na organização de mobilizações de rua. Dois dias após as explosões em Madrid, milhares de pessoas se organizaram a partir da troca de SMS e cercaram a sede do Partido Popular (PP) em protesto pelos feridos nas explosões de 11 de abril e pelas supostas mentiras envolvendo o partido. Para Toret (2012), tais manifestações antecederiam o potencial das multidões conectadas, hoje mais claro através de movimentos como o 15M, assim como a expressão da autocriação de um acontecimento distribuído e o estabelecimento do que ele chama de *afetação coletiva dos corpos*, através das redes e da tomada do espaço público expandida no tempo.

Vive-se, cada vez mais, em um ambiente marcado pela presença da tecnologia e da conexão e, com base na perspectiva tecnológica de Toret (2012) – uma “articulação entre o uso estratégico das tecnologias de comunicação para a ação e organização coletiva” – o desenvolvimento da tecnologia e suas apropriações nos processos comunicacionais definem uma reconfiguração que põe em xeque certezas sobre a circulação de informações até o fim dos anos 90. Até mesmo o futuro do espaço democrático é questionado por Antoun (2004), diante do desenvolvi-

mento de comunidades decorrentes de novas tecnologias e das organizações em rede que elas potencializam, de modo que a ordem social estaria abandonando as instituições e se constituindo em um território deslizando de movimentos impulsionados através do uso de dispositivos móveis de comunicação. É possível ainda citar as mudanças em termos de representatividade, mencionadas por Deleuze (Foucault, 1979, p. 70), antes mesmo dessa configuração digital:

Aqueles que agem e lutam deixaram de ser representados, seja por um partido ou um sindicato que se arrogaria o direito de ser a consciência deles. Quem fala e age? Sempre uma multiplicidade, mesmo que seja na pessoa que fala ou age. Nós somos todos pequenos grupos. Não existe mais representação, só existe ação: ação de teoria, ação de prática em relações de revezamento ou rede.

Nesse sentido, ganham força as reconfigurações nos movimentos sociais decorrentes de usos e apropriações de tecnologias digitais em sua organização e dinâmicas comunicacionais, assim como se fortalecem os coletivos que utilizam essas tecnologias na cobertura de atos de rua. As relações em rede favoreceram a constituição de um sistema de poder que no âmbito da comunicação já não mais se concentra apenas nos grandes veículos, mas que se esvai em múltiplas ramificações. Estas, pela lógica do espalhamento, conquistam força suficiente (ainda que não equivalente) para coexistir com grandes grupos de mídia. Ainda na discussão sobre representatividade, Foucault (1979, p. 71) destaca que as massas já não precisam dos intelectuais para saber e da mesma forma dispensariam os grandes meios, já que, segundo o autor, “elas sabem perfeitamente, claramente, muito melhor do que eles; e elas o dizem muito bem”.

A partir dessa apropriação tecnológica, os movimentos fortalecem possibilidades de articulação e estratégias de visibilidade, explica Gohn (2010), reconfigurando formas de organização e de ações. Os estudos

sobre os movimentos sociais, que começaram a ganhar espaço no mundo ocidental nos anos 60, ganham um novo viés a partir da apropriação de diferentes ferramentas de comunicação para o estabelecimento de dinâmicas comunicacionais e organizacionais. O emprego de novas práticas por diferentes movimentos justifica, para Gohn (2004), que há um questionamento de estruturas que passa pela proposição de novas formas de organização para a sociedade política, o que garante o seu enquadramento como inovadores e indicadores de mudança social. Na mesma linha, a atuação dos coletivos midiáticos vem sendo guiada pelo questionamento e pela cobrança sobre a atuação da mídia de massa, no esforço de reconfigurar os processos a partir de práticas colaborativas e democráticas.

A mobilização pelas redes reflete uma cultura de organização coletiva que se caracteriza por princípios de horizontalidade, engajamento cívico, social e político, e que se fortalece além das redes em diversos países, sob diferentes formas de manifestações. A atual configuração desses movimentos extrapola os meios tradicionais não só de organização das mobilizações, mas também de comunicação e, ao mesmo tempo, sobre as formas como os movimentos se reportam à sociedade. A partir da Internet, a circulação do conteúdo produzido pelos movimentos concorre com a produção das mídias de massa pelas audiências que transitam por diferentes espaços de publicação. O fluxo de produção, circulação e consumo de informações ao mesmo tempo em que é ampliado, é diluído na imprensa dita oficial e nas redes pelas quais transitam não só integrantes dos movimentos e colaboradores de coletivos midiáticos, mas jornalistas e produtores de conteúdo que trabalham em veículos tradicionais.

Ao longo da história, Castells (2012) destaca os movimentos sociais como produtores de valores e objetivos em torno dos quais ocorrem transformações em instituições que passam por modificações para representar

esses valores a partir da criação de novas normas de convívio social. O exercício de um contrapoder por parte desses movimentos se dá pela sua autoconstrução através da comunicação autônoma, que não se submete ao poder das instituições. A trajetória dos movimentos que deflagraram os protestos de 2013 no país é marcada por demandas antigas e formas de mobilização já conhecidas, mas seus processos comunicacionais vêm sofrendo transformações capazes de influenciar a própria continuidade do movimento.<sup>4</sup>

Ao lado dos choques de interesses que movem a mídia, os partidos políticos e os manifestantes – muitos destes desvinculados de qualquer partido político – há um conflito de posicionamentos que, se antes não tinha visibilidade nos meios tradicionais, hoje se espalha pelas redes sociais, sob múltiplos formatos, com cada vez mais velocidade e representatividade, questionando a mídia de massa através da produção independente de conteúdo e embaralhando ainda mais o cenário opinativo e interpretativo sobre o que se passa.

Observa-se o desenvolvimento da cultura de resistência via meios de comunicação alternativos. Os espaços comunicacionais são estratégicos tanto ao movimento, para publicizar suas demandas e buscar algum espaço contra-hegemônico como para seus opositores, que buscam desqualificá-los e isolá-los da opinião pública ao retratá-los como fonte e origem da violência. A internet tem sido o grande meio/veículo articulador de ações coletivas e movimentos sociais (Gohn, 2010, p. 149-150).

O consumo das mídias sociais é feito a partir de uma seleção de perfis e páginas a serem seguidos; cada indivíduo define as publicações a seguir de acordo com seus valores e preferências pessoais. No contexto dos

<sup>4</sup> Recuero aponta que a divulgação, nas redes sociais, da repressão policial através de atos de violência contribuiu para a escalada das manifestações nas ruas do país. Disponível em: <<http://www.raquelrecuero.com/arquivos/2013/06/ars-a-escalada-dos-protestos-no-brasil.html>>. Acesso em: 17 jun. 2013.

protestos de 2013, percebe-se uma diversidade de atores utilizando as mídias sociais, expondo conteúdos dos mais diversos formatos e naturezas, configurando um processo de convergência não só em nível técnico, no sentido de que há uma pluralidade de formatos utilizados, mas também em níveis social e cultural (Bittencourt, 2012). Essa convergência de três níveis é o pano de fundo de um enfrentamento diário entre publicações da mídia de massa e das mídias sociais – estas constituídas não só pela presença de cidadãos comuns, participantes e líderes de movimentos sociais e coletivos midiáticos, como também pela atividade de partidos e figuras políticas, e pelos próprios veículos da mídia de massa. O resultado é uma conjuntura social e política fortemente impactada por conteúdos de diversas origens e que, ao serem espalhados por diferentes redes, sofrem apropriações e reapropriações capazes de redefinir rumos dos acontecimentos. A influência de determinados nós nas redes acaba por ser o poder que rege a história a partir do espalhamento de publicações que circulam por múltiplos espaços.

Não se trata de negar o momento de libertação do cidadão das amarras da mídia de massa a partir das mídias sociais. O alerta é sobre a condução dada pela grande mídia aos acontecimentos a partir de sites como Twitter e Facebook. A captura da agenda dos protestos pela mídia de massa e a maneira como essa agenda passou a ser tratada com o passar dos dias de manifestações,<sup>5</sup> mostra como as mídias sociais podem ser utilizadas em um processo de imbricação com os conteúdos que circulam por outros meios. Trata-se de um processo organizado, com características de um modelo de espalhamento (Jenkins; Ford; Green, 2013) que altera as regras de um processo no qual os participantes trocam de papel a todo o momento,

<sup>5</sup> Em artigo no Observatório da Imprensa, Luciano Costa aborda a virada na cobertura. Disponível em: <[http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/uma\\_virada\\_na\\_cobertura](http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/uma_virada_na_cobertura)>. Acesso em: 25 jul. 2013.

assim como as dinâmicas e as configurações do contexto, que se modificam a partir das relações entre produtores e consumidores de informações.

Identificar as transformações nesse processo com características de um modelo que se perfaz em paralelo ao modelo de *broadcasting* é demanda que surge a partir da apropriação das mídias sociais por diversos atores



*Além da ampliação de sujeitos que integram ações coletivas, há também alterações nas mobilizações, que agora passam a ser estruturadas em rede*

no atual contexto marcado pela digitalização. Trata-se de buscar esclarecimento sobre mudanças em um jogo midiático movimentado a partir de vários espaços de publicação, gerenciados pelos produtores da mídia tradicional, e também por outros atores, que nos últimos anos vêm se apropriando de ferramentas de participação e colaboração nos processos de produção, circulação e consumo midiático.

### **Espalhamento e convergência: relações entre mídia de massa e mídias sociais**

Em *Spreadable Media*, Jenkins, Ford e Green (2013) afirmam que o que não se espalha está morto. A argumentação aborda a transição de um modelo baseado na distribuição para outro baseado na circulação e na participação em processos de criação, compartilhamento e *remix* de conteúdos. Este emergente modelo híbrido de circulação, segundo os autores, mistura forças de cima e de baixo, que determinam como as mensagens podem ser compartilhadas por

diferentes culturas através de formas como o boca a boca e o compartilhamento, que vêm conduzindo a maneira como as pessoas interagem entre si nos movimentos sociais de- flagrados nos últimos três anos. No entanto, os autores alertam para que não se conclua, equivocadamente, que as atuais formas de circulação possam ser explicadas apenas pela infraestrutura tecnológica, ainda que esta tenha um papel determinante recentemente. A abordagem coloca as lógicas sociais e as práticas culturais como responsáveis pela popu-

*Um jornal não finda  
sua visibilidade nas  
páginas impressas,  
assim como um  
canal de TV  
não se extingue  
na transmissão*



larização de novas plataformas, questionando o motivo de o compartilhamento ter se tornado tão comum.

Diante da argumentação de que as funcionalidades das tecnologias atuam como um catalisador para reconceitualizar aspectos de cultura, repensar relações sociais e reimaginar a participação cultural e política, vale-se da ideia de mídia de espalhamento para pensar a comunicação no âmbito dos movimentos sociais e tensionar transformações técnicas, sociais e culturais nessas dinâmicas. Gohn (2010) aborda mudanças em função das relações entre diferentes sujeitos sociopolíticos que compõem a cena pública. Ela destaca que além da ampliação de sujeitos que integram ações coletivas, há também alterações nas mobilizações, que agora passam a ser estruturadas em rede. Uma dessas mudanças está diretamente relacionada à difusão de novas tecnologias e à expansão dos meios, que se torna mais fluida dentro de um contexto de trocas.

O modelo de espalhamento valoriza a produção que facilita o compartilhamento, de acordo com Jenkins, Ford e Green (2013), como pelo uso de redes sociais que forneçam links ou códigos para a publicação do conteúdo em outras páginas. O sistema integrado de canais de participação e de práticas que suportam um ambiente onde o conteúdo pode ser largamente espalhado adquire significação a partir de atividades comunicacionais que vão além da distribuição de conteúdo, englobando práticas colaborativas e que impulsionam o espalhamento por canais e plataformas diversas, como no caso de coletivos midiáticos que utilizam espaços online diversos na cobertura de atos e protestos, bem como na rotina de organização de movimentos. *Fanpages* e grupos no Facebook, como os do Bloco de Luta pelo Transporte Público, bem como a diversidade de canais utilizados pelo Mídia Ninja<sup>6</sup> na cobertura dos protestos pelo Brasil, ilustram a apropriação baseada na convergência, que forma o conjunto de práticas de organização e comunicação que coloca em circulação conteúdos de caráter midiático junto ao fluxo comunicacional também composto pela mídia de massa.

Ao analisarem dinâmicas participativas em produtos de caráter ficcional, bem como as relações entre produtores e fãs consumidores, Jenkins, Ford e Green (2013) identificam argumentações que enquadram tais práticas como formas de resistência ao *mainstream* das indústrias midiáticas, mas acreditam que mais do que resistência ou oposição, o que acontece é mais complexo. A aproximação, nesse sentido, pode ser efetuada sobre os processos comunicacionais de coletivos midiáticos e movimentos sociais que utilizam as mídias sociais com vistas não apenas organizacionais, mas como alternativa de resistência e de oposição à mídia de massa. Nesse caso a complexidade se configura quando é preciso

<sup>6</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/midiaNINJA>>. Acesso em: 25 jul. 2013.

refletir sobre as transformações de nível técnico, social e cultural que se depreendem dos usos e apropriações midiáticas das redes digitais. Os autores acreditam que hoje se fala muito mais em políticas com base na participação, o que reflete um mundo onde o poder dos meios, cada vez mais, repousa nas mãos dos membros das audiências, ainda que, destacam, os meios de massa continuem detendo voz privilegiada no fluxo informacional.

A mídia de massa já não se restringe aos seus meios originais: um jornal não finda sua visibilidade nas páginas impressas, assim como um canal de TV não extingue se extingue na transmissão. Ambos estão nas mídias sociais, por conta própria e pela atividade de seus consumidores, ou não. O questionamento a ser feito é sobre como essa presença se produz e se espalha diante de um cenário alternativo, que critica, aponta falhas e questiona práticas comunicacionais. No dia 04 de julho, a *Folha de S.Paulo* publicou matéria na qual afirmava a autoridade de jornais, portais e TVs brasileiros sobre o conteúdo compartilhado nas redes sociais sobre os protestos de junho, em função da quantidade de links da mídia brasileira espalhados pelas redes.<sup>7</sup> Entrevistado para esta matéria, Malini (2013) rebateu as afirmações do jornal explicando que por mais que o jornalismo seja muito compartilhado, as causas são óbvias: o rápido acesso ao poder constituído e a setores da sociedade civil e a concentração de dinheiro que facilita a proximidade e o controle das fontes. No entanto, Malini aponta que não só os jornalistas adquirem autoridade, mas perfis oficiais de mobilizações também, pois possuem a exclusividade de notícias factuais, como convocações de atos, por exemplo. Seu ponto é de que a autoridade difere da noção de centralidade, importante em um contexto de redes como no caso dos movimentos sociais, e que se concentra nas mãos de manifestantes e ativistas, como se pode observar recentemente.

<sup>7</sup> Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2013/07/1305911-jornalismo-domina-rede-social-durante-protestos-pelo-pais.shtml>>. Acesso em: 17 jul. 2013.

A presença da mídia de massa nas mídias sociais ainda carrega a autoridade de seus meios originários, porém, como destaca Malini, o isolamento desses veículos não converge com práticas já adotadas pelos perfis e páginas de movimentos e cidadãos que fazem circular através da interatividade uma pluralidade de conteúdos baseados em técnicas e práticas de convergência. O ambiente das redes vem sendo ocupado pelas mídias de massa, o que ainda ocorre a passos lentos é a adaptação – e a experimentação – às possibilidades já consolidadas, ainda que dinâmicas, de espaços de circulação nos quais a unilateralidade não é e nunca foi palavra de ordem. Alguns ranços do modelo *broadcasting* ainda permeiam a ocupação desses espaços por veículos da mídia de massa, que assim travam uma espécie de concorrência com as mídias livres e atividades de participação, compartilhamento e interatividade características de ferramentas diversas de comunicação digital.

Para Jenkins, Ford e Green (2013), o espalhamento é uma evolução, os invés de uma revolução, devido a grupos e pessoas motivados a produzir e fazer circular conteúdos, além de utilizarem inovações tecnológicas em suas práticas. Essa motivação é clara no que concerne às rotinas organizacionais e comunicacionais de movimentos sociais e coletivos midiáticos atuantes nas redes nos últimos anos. O espalhamento dos conteúdos adquire organicidade a partir de interações e compartilhamentos, atribuindo a esse modelo híbrido ressignificações sobre fluxos e dinâmicas de circulação.

### ● A busca pela democratização nas rotinas dos coletivos midiáticos

O número de coletivos midiáticos que, vinculados ou não aos movimentos, têm adotado uma pluralidade de ferramentas para cobrir os protestos em diversas partes do mundo não é um fenômeno tão recente. No início da década, os chamados *warblogs* (Recuero, 2003) já faziam as vezes de uma cober-

tura descolada das mídias de massa, quando blogueiros (jornalistas ou não) narravam a Guerra no Iraque. Recuero apontava os *warblogs* como representação de uma ruptura importante nas formas de disponibilização da informação, principalmente em função das tecnologias digitais. A prática foi apontada pela autora como estimuladora de debates e trocas de informação entre autores e leitores, modificando o fluxo de comunicação característico dos meios de massa. Ao perceberem as mudanças, Recuero afirma que alguns veículos tradicionais começaram a investir em blogs para os seus jornalistas realizarem a cobertura da guerra. Para ela, os *warblogs* buscavam formar fóruns de debate sobre a guerra, além de permitirem que qualquer pessoa pudesse se manifestar sobre o assunto para o mundo, transformando o fluxo de informação, antes predominantemente vertical, em horizontal.

O surgimento de sites de redes sociais fortaleceu ainda mais essa conjuntura de transformações, ao oferecerem espaços de conversação e compartilhamento de conteúdos diversos, inserindo a convergência nas dinâmicas comunicacionais baseadas na horizontalidade. Os fóruns públicos hoje se espalham por blogs, páginas, perfis e grupos em redes sociais, nos quais o conteúdo da mídia de massa também circula, mas em conjunto com a produção de diversos atores que, pautados pela busca de um processo de comunicação mais democrático, não apenas transmitem conteúdo, mas estimulam o diálogo e a participação dos cidadãos na constituição coletiva dos processos de produção, circulação e consumo de informações. Os hoje denominados *twitcastings*, através de plataformas de vídeo e sistemas de *streaming*, estimulam a produção de conteúdo audiovisual, que acaba circulando não só nas redes, mas também em canais da mídia de massa, maximizando a convergência em termos técnicos, e também estabelecendo uma recirculação (Jenkins; Ford; Green, 2013) que coloca em questão as argumentações sobre a autoridade de uma mídia sobre a outra.

O coletivo midiático Mídia Ninja vem se destacando no país, realizando a cobertura não só dos protestos no Brasil, como também outros acontecimentos como, por exemplo, a visita do Papa ao país em julho de 2013. Mídia Ninja significa “Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação”, mas a expressão também dá conta do trabalho desempenhado por diversos “ninjas” – pessoas que vão às ruas em busca de notícias e relatos. O interesse em participar de coletivos como o Mídia Ninja é crescente: depois de 48 horas de uma publicação no Facebook em que chamavam por tradutores e redatores, receberam mais de 2.500 e-mails. O coletivo também deu origem à PosTV, um canal de transmissão ao vivo pela Internet. O Tomada.tv nasceu logo após os conflitos do dia 20 de junho de 2013, como uma proposta complementar ao trabalho do Mídia Ninja, trabalhando edição e roteirização dos registros feitos por cinegrafistas. O objetivo é catalogar e colocar em circulação vídeos sobre o que se passa na linha de frente dos protestos e na política que fundamenta as reivindicações. Além dos vídeos originais de atos e pronunciamentos de políticos, o coletivo também reúne paródias em cima desses registros.

O Linha de Frente é outro coletivo que também produz material audiovisual, que busca registrar a memória das manifestações e, ao mesmo tempo, fazer um contraponto à mídia tradicional. Assim, o grupo realiza reuniões semanais para avaliar o que é veiculado na mídia de massa, para então definir o que precisa ser mostrado nos vídeos. Na mesma vibração, o RioNaRua também trabalha, desde o dia 20 de junho de 2013, para ser uma central de informações para quem está nas ruas, participando das manifestações, e para quem está em casa acompanhando as coberturas. Pautados pela democratização da comunicação, buscam promover o acesso à informação.

Entre diferenças, algumas sutis, outras nem tanto, em termos de organização e rotinas, esses coletivos trabalham com um objetivo de narrar os fatos, sob diferentes ângulos,

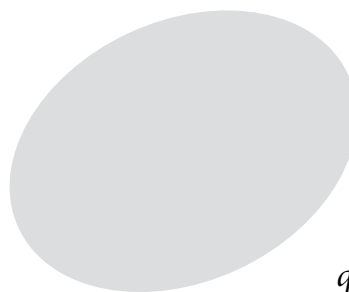


mostrando aquilo que julgam ser omitido pela mídia de massa – o que, em alguns casos lhes confere um caráter visivelmente parcial sobre os fatos. Para isso usam e criam novos usos para tecnologias e ferramentas que ampliam a visibilidade dos conteúdos a partir da participação e do compartilhamento que impulsionam o modelo de espalhamento. Além dos “ninjas” que estão transmitindo ao vivo imagens, áudios e mensagens sobre as ruas, o engajamento se dá também por aqueles que acompanham de casa, mas que também trabalham nesse esquema, ainda que sem saber, ao compartilharem e colaborarem para o espalhamento dos conteúdos.

Há poucos anos, a ideia de que práticas colaborativas tratavam de cobrir o que a mídia de massa omitia ou deixava de publicar já perpassava os estudos sobre jornalismo participativo (Träsel; Primo, 2006), ainda que de forma limitada ao acesso permitido por canais de participação ao leitor em grandes jornais ou a partir de blogs de caráter mais local ou regional que buscavam levar aos cidadãos notícias sobre suas localidades. Do início dos anos 2000 para cá, percebe-se a ampliação de dinâmicas colaborativas e participativas, além da diversificação de formatos, conferindo às rotinas de trabalho oportunidades de convergência que englobam transformações nos níveis técnico, social e cultural dos processos de produção, circulação e consumo dos conteúdos espalhados. Mas há que se atentar para a idoneidade dos processos. Assim como a mídia de massa é seu alvo de duras críticas, esses coletivos, que proclamam sua independência e liberdade para cobrir os acontecimentos também são questionados na própria rede. Frequentemente circulam suposições e até acusações de financiamentos de partidos políticos, já que, por mais que tenham como bandeira a democratização da comunicação, não são imparciais, como qualquer veículo de comunicação. Em suas coberturas o trabalho se mistura com a participação nas manifestações, incorporando a manipulação da infor-

mação e da emoção. Ainda assim contestam, a cada questionamento, a ideia de que seriam movidos por interesses econômicos.

Em meio a suposições e acusações, o fato é que o jornalismo, com base em tais práticas colaborativas, se ressignifica e demanda por reflexão sobre formatos, rotinas e sistemas de circulação. A hegemonia da mídia de massa vem perdendo força diante da evolução de um modelo híbrido de cir-



*Além dos que estão transmitindo ao vivo imagens, áudios e mensagens sobre as ruas, o engajamento se dá também por aqueles que acompanham de casa*

culação, que não elimina processos unilaterais de comunicação, mas que cada vez mais abre espaço para a ocorrência de dinâmicas colaborativas que, fundamentadas em participação e compartilhamento, reconfiguram o cenário midiático que passa a ser constituído por uma diversidade de atores que moldam os processos de produção, circulação e consumo a partir da convergência estabelecida através de uma rede de pessoas, meios, formatos e dispositivos.

### ● Considerações finais

Quando da finalização deste texto, as manifestações pelo Brasil continuavam acontecendo e davam pistas de que estavam longe de cessarem. Pautados por várias causas, organizados por múltiplos grupos e cidadãos os atos de protestos seguem acontecendo nas ruas e nas redes, onde através de usos e apropriações de ferramentas de comunicação digital vêm se espalhando por inúmeros canais de comunicação. A luta tem se mostrado não

apenas pelo fim da corrupção, por melhores condições de educação e saúde ou por melhorias no transporte público, mas em grande parte pela constituição de mecanismos de comunicação mais democráticos.

Este artigo buscou construir apontamentos acerca da convergência e do espalhamento que vêm marcando dinâmicas comunicacionais articuladas pelas mídias de massa e através do uso de mídias sociais por atores diversos em um fluxo comunicacional que se

insere em um contexto de transformação de modelos comunicacionais. As considerações aqui apresentadas servem de fundamentação para a continuidade da pesquisa sobre o tema, no intuito de colaborar para o avanço teórico sobre a comunicação no âmbito dos movimentos sociais, diante da proliferação de práticas colaborativas que imprimem mudanças nos processos de produção, circulação e consumo de conteúdos midiáticos.

(artigo recebido ago.2013/ aprovado out.2013)

## Referências

- ANTOUN, H. As lutas da multidão e o futuro da democracia na cibercultura. In: **Colóquio Brasil-França de Ciências da Comunicação: comunicação, acontecimento e memória**, 7, 2004, Porto Alegre.
- AQUINO BITTENCOURT, M. C. **Convergência entre televisão e web: proposta de categorização analítica**. Tese de Doutorado. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2012.
- CASTELLS, Manuel. **Networks of outrage and hope: social movements in the internet age**. Chichester, UK: Wiley, 2012.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- GOHN, Maria da Glória M. **Movimentos sociais e redes de mobilização cívica no Brasil contemporâneo**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2010.
- GOHN, Maria da Glória Marcondes. **Novas teorias dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- JENKINS, H.; FORD, Sam; GREEN, Joshua. **Spreadable media: creating value and meaning in a networked culture**. New York: New York University, 2013.
- MALINI, F. **Imprensa nas redes sociais: autoridade sem centralidade**. 2013. Disponível em: <<http://www.labic.net/sem-categoria/imprensa-nas-redes-sociais-autoridade-sem-centralidade/>>. Acesso: 09 jul. 2013.
- RECUERO, Raquel. **Warblogs: os blogs, a Guerra do Iraque e o Jornalismo Online**. 2003. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/recuero-raquel-war-blogs.pdf>>. Acesso em: 21 jul. 2013.
- TRÁSEL, Marcelo; PRIMO, Alex F. T. **Webjornalismo participativo e a produção aberta de notícias. Contracampo**, Rio de Janeiro, v. 14, 2006.
- TORRENT, Javier. **Una mirada tecnopolítica sobre los primeros días del #15M. Comunicación y Sociedad Civil**, 2012. Disponível em: <<http://civilsc.net/node/14>>. Acesso em: 03 jul. 2013.